

O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE INGLÊS: ASPECTOS SOBRE SUA IMPORTÂNCIA, ESCOLHA E UTILIZAÇÃO

Simone Sarmento

Denise von der Heyde Lamberts

Resumo: O artigo tem como objetivo refletir sobre a importância e o papel dos professores no processo de avaliação/escolha e no uso de livros didáticos, visto que esse é um recurso amplamente utilizado no ensino de língua inglesa. Sua importância abrange: definição dos conteúdos, recursos usados em sala de aula, auxílio aos professores, padronização do ensino, entre outros (RICHARDS, 2002; CORACINI, 2011). Com a implementação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a inclusão das línguas estrangeiras (Inglês e Espanhol) a partir de 2011, o uso de livros didáticos está em expansão nas escolas públicas. Os professores podem escolher os livros aprovados pelo PNLD por meio do Guia do Livro Didático, que apresenta as coleções e suas respectivas resenhas. Para que o livro didático possa ser um recurso que contribua para o ensino e a aprendizagem, o uso que o professor faz dele torna-se fator fundamental. O presente estudo conclui que o professor tem papel decisivo nas diferentes esferas que envolvem o livro didático (implementação, avaliação/escolha, uso e adaptação). Por isso, é preciso investir na formação desse profissional, para que ele use o material de forma consciente e crítica.

Palavras-chaves: Livro Didático. Língua Inglesa. Processo de Escolha.

Abstract: The aim of this study is to reflect upon the importance and the role of teachers regarding the assessing/choosing process and the use of textbooks for teaching English, since this is an important resource. Its importance covers: the syllabus, the resources used in class, teaching pattern, among others (RICHARDS, 2002; CORACINI, 2011). With the implementation of the National Textbook Program (*Programa Nacional do Livro Didático - PNLD*) and the inclusion of foreign languages (English and Spanish) in the Program in 2011, teachers can now choose a textbook from the list of approved collections. Therefore, the Textbook Guide (*Guia do Livro Didático*) presents the collections and their reviews, facilitating the process of choosing the material. For the textbooks to be a resource aimed to help the process of teaching and learning, the way teachers use these materials is an essential factor. The study concludes that teachers have a decisive role in different aspects related to textbooks: implementing, evaluating/choosing, using, and adapting. For this reason, it is necessary to invest in the teachers' development for them to be prepared to use this resource critically.

Keywords: Textbooks. English. Choosing Process.

· Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Professora adjunta do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

simone.sarmento@ufrgs.br

· Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. delamberts@hotmail.com

Introdução

No mundo atual, onde a tecnologia se faz cada vez mais presente na maneira como interagimos (internet, redes sociais, *tablets*, *smartphones*), o livro didático (doravante LD) ainda exerce um papel importante no ensino. As escolas públicas, em muitos casos, não possuem uma infraestrutura que propicie a inserção neste mundo pós-moderno, ou profissionais preparados para tanta mudança. Esse é um dos motivos pelos quais os LDs continuam dominando este cenário. Cabe a nós, professores, pesquisadores e cidadãos preocupados com uma educação de qualidade avaliar a eficácia desse recurso e a maneira como ele é utilizado no processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, o objetivo deste artigo é refletir sobre essa ferramenta, utilizada e criticada por muitos em relação aos seus usos, seu papel no ensino, especialmente no de língua inglesa, e o processo de avaliação e escolha do material. Essa reflexão tem como base textos e documentos que abordam esses diferentes aspectos do LD de língua adicional.

O livro didático de língua inglesa

A realidade da maioria dos profissionais da educação em nosso país é conhecida: carga horária excessiva, falta de infraestrutura e de tempo disponível para a criação de materiais, e, principalmente, professores com uma quantidade imensa de turmas e alunos. Neste sentido, o LD torna-se um aliado do professor, pois o conteúdo e as tarefas já foram previamente definidos e avaliados por seus autores.

Apesar disso, há professores que preferem não utilizar um único LD em suas aulas e acabam trazendo materiais retirados de diversos lugares e, muitas vezes, de diferentes LDs, o que, segundo Coracini (2011), pode gerar uma “colcha de retalhos”, sem conexão entre os conteúdos ou com o contexto onde está inserido. No entanto, segundo a mesma autora, há também aqueles professores que utilizam o livro em demasia. Esses baseiam suas aulas exclusivamente nesse recurso, havendo uso excessivo do material, comprometendo, muitas vezes, o sucesso das aulas. Pessoa (2009 *apud* SILVA, RODRIGUES & NETO, 2010) afirma que muitos professores simplesmente aplicam o conteúdo apresentado no LD sem questioná-lo ou trazê-lo para a realidade do aluno, limitando seu trabalho, deixando suas aulas rotineiras e acomodando-se em sua prática pedagógica.

Em aulas de língua inglesa, o uso consciente e crítico do LD tem papel importante no desenvolvimento das habilidades necessárias para aprender uma nova língua, cabendo ao

professor fazer melhor uso dos materiais disponíveis para que a aprendizagem seja eficaz e completa. Portanto, o sucesso do LD na sala de aula está mais centrado no uso que o professor faz dele do que no material em si. Cabe ao professor fazer a relação entre o LD, o aluno e o ambiente escolar. Segundo Nunan (1997), a autonomia dos professores e os LDs são compatíveis, pois os professores podem expandir e adaptar os conteúdos de acordo com seu contexto. Gimenez (2009) compartilha da opinião de Nunan (1997) quando afirma que:

Se, no entanto, [os LD] forem vistos com um olhar seguro de quem conhece a realidade próxima de seus alunos e suas necessidades, podem servir como mais um recurso à sua disposição para alcance dos objetivos traçados e resultados esperados – coletiva e democraticamente decididos (GIMENEZ, 2009, p. 8-9).

O ensino de língua adicional na escola pública regular tem sido repensado, e medidas governamentais têm sido implantadas para tentar garantir o direito dos alunos de navegarem por novas práticas sociais através do estudo de outras línguas. Em 2009, foram publicados os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (doravante RCs) (SCHLATTER & GARCEZ, 2009). Esse documento desmistifica o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais nas escolas e propõe uma visão alternativa àquela de que é impossível aprender inglês ou espanhol no ambiente escolar. Os RCs apresentam propostas de ensino através de projetos contextualizados e diferentes gêneros do discurso, envolvendo os interesses dos alunos e a comunidade escolar. A língua adicional é vista como uma forma de desenvolver a criticidade e a cidadania, primeiramente na cultura do aluno, para, então, relacioná-la com a cultura do outro. Os RCs indicam que a aprendizagem, para fazer sentido, tem que fazer sentido no aqui e agora, e não somente num futuro imaginário e hipotético, que parece estar tão distante da realidade de muitos alunos. O aluno, nessa perspectiva, deveria saber o suficiente para resolver as tarefas propostas. Em consonância com as ideias de ensino e aprendizagem propostas nos RCs, Tilio (2014, p. 938-939) desconstrói a ideia de que, para aprender outra língua, deve-se desenvolver a fluência total no idioma e questiona por que essa visão é imposta ao ensino de línguas na escola, quando, em relação às outras disciplinas, não se pretende formar biólogos, geógrafos, historiadores e físicos ao final da educação básica. Assim como nas outras disciplinas, o ensino de línguas adicionais deve proporcionar recursos suficientes para que o aluno interaja em situações simples que envolvem o idioma (TILIO, 2014, p. 938). Os RCs defendem que é possível aprender uma língua adicional na escola, basta que paradigmas sejam quebrados e uma nova visão de ensino e aprendizagem, com base no uso de textos, seja incorporada ao cotidiano escolar.

Os componentes curriculares de Línguas Inglesa e Espanhola foram incluídos no Programa Nacional do Livro Didático (doravante PNLD) a partir de 2011, para o Ensino Fundamental, e 2012 para o Ensino Médio. A visão de ensino de línguas que consta no *Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Coleções Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático* (BRASIL, 2012) está em consonância com a visão apresentada nos RCs: “propiciar a reflexão sobre diferentes culturas, assim como sobre a sua própria; aproximar os alunos a diferentes formas de ver o mundo; discutir as finalidades do estudo de outras línguas” (BRASIL, 2012, p. 72-73). Com a implementação do PNLD para línguas estrangeiras, a tendência é que o uso de LDs seja ampliado na rede pública. Com o PNLD, todos os estudantes e professores de escolas públicas brasileiras têm o direito de receber, gratuitamente, o livro selecionado dentre as coleções aprovadas pela comissão avaliadora. As coleções aprovadas pelo PNLD passaram por um rigoroso processo de avaliação, com diversos itens gerais a todas as áreas, além de critérios específicos para cada componente curricular, que, referindo-se às línguas estrangeiras, incluem, entre outros, 1) textos de diferentes gêneros discursivos e que circulem em diferentes esferas sociais; 2) tarefas que contemplem as quatro habilidades (escrita, leitura, produção e compreensão orais); 3) situações que mostrem a diversidade cultural, trazendo diferentes pronúncias do idioma; e 4) situações contextualizadas para o ensino de gramática (BRASIL, 2012, p. 73-76). Para auxiliar os responsáveis pela escolha dos livros nas escolas, o PNLD disponibiliza o *Guia de Livros Didáticos* (BRASIL, 2013), que apresenta resenhas sobre as coleções aprovadas, detalhando o conteúdo, as características e o funcionamento de cada uma.

O PNLD garante que LDs de qualidade estejam à disposição de alunos e professores da rede pública de ensino. Este é um avanço que vem a auxiliar na busca por um ensino melhor, mais contextualizado e interessante a todos. No entanto, não existe livro completo e perfeito. Cada comunidade escolar é um contexto diferente, cada turma é um universo distinto. Por isso, a adaptação e a visão crítica dos professores em relação aos LDs são fundamentais. Vilaça (2009) critica a visão do LD como única fonte de atividades e conteúdos, pois sempre precisa do complemento do professor, de sua adaptação, tanto nas atividades quanto nos conteúdos. Não podemos ser ingênuos de pensar que tudo o que os alunos precisam e se interessam está compilado em um LD. O livro é um guia que auxilia o trabalho do professor, mas o foco deve ser sempre as necessidades dos alunos. Se o professor não adaptar as atividades a cada contexto, ele estará desenvolvendo o papel apenas de regente do LD, e este será o foco da aula.

Richards (2002) lista as principais vantagens e limitações de se utilizar o LD para lecionar a língua inglesa. As vantagens são: proporcionar um *syllabus*¹; padronizar o conteúdo; manter a qualidade de ensino, no caso de bons livros; apresentar variedade de recursos (CD-ROM, DVD, CD de áudio, sites da internet, manual do professor); facilitar a preparação de aulas; ser fonte de modelos de linguagem e insumo linguístico; treinar professores ainda inexperientes; e ser, em geral, visualmente atraente tanto para alunos quanto para professores. Quanto às limitações, o autor ressalta que os LDs: podem conter linguagem não-autêntica²; podem distorcer o conteúdo com o intuito de evitar temas polêmicos e contraditórios; não abordam as necessidades específicas dos alunos, precisando, assim, de adaptação; e podem reduzir a habilidade de criação dos professores, que acabam por tornar-se apenas técnicos, ou “pilotos”, em usar materiais desenvolvidos por outras pessoas.

Minimizando as limitações e reforçando os benefícios, o LD tem muito a contribuir com o ensino de inglês e de outras línguas. De acordo com O’Neill (1990, *apud* OLIVEIRA & FURTOSO, 2009)³, não há livro que não possa ser adaptado pelo professor. Mesmo que o material utilizado não seja o melhor ou o mais adequado ao seu público-alvo, sempre há maneiras de adaptá-lo, trazendo-o para o contexto onde será aplicado. Para tanto, é importante conhecer as necessidades de cada turma, cada escola, e estar aberto a dialogar com os alunos para descobrir seus interesses e necessidades. Assim, todos podem contribuir para adaptar o LD de maneira justa e eficaz para o processo de ensino e aprendizagem. O livro não pode desempenhar o papel principal na sala de aula, mas o de um suporte, de auxiliar nesse processo tanto para alunos como para professores. Pelo fato de o professor ter maior contato com os alunos e conhecê-los melhor que outros profissionais da escola, cabe a ele adaptar as atividades e os assuntos propostos pelo LD, de forma que os alunos desenvolvam as habilidades desejadas em língua inglesa.

Para que haja um olhar crítico sobre o LD a ser utilizado em um determinado contexto, é fundamental que o professor esteja preparado para avaliá-lo e adaptá-lo à sua realidade. Em relação a isso, o *Editais de convocação para o processo de inscrição e avaliação de coleções didáticas para o PNLD 2014* afirma que:

¹ *Syllabus* é o programa de ensino, uma sequência de conteúdos a serem ensinados em determinado tempo.

² Entende-se por *linguagem autêntica* materiais que não são produzidos especialmente para o ensino de um idioma, mas que podem ser usados para este fim. Por exemplo: filmes, programas de televisão, artigos de jornais e revistas, propagandas. Acredita-se que uso desses materiais facilita o aprendizado, por ser mais próximo à realidade de onde a língua-alvo está inserida.

³ O’NEILL, R. Why use textbooks?. In ROSSNER, R e BOLITHO, R. *Currents of change in English language teaching*. Oxford: OUP, 1990.

O material didático para o ensino de língua estrangeira tem função complementar à ação do professor. É este que, a partir de sua experiência no meio de trabalho escolar, compromete-se com o encaminhamento mais adequado para sua turma (BRASIL, 2012, p. 72).

É esperado, portanto, que a formação acadêmica forneça subsídios para utilizar LDs da maneira mais adequada. No entanto, esta normalmente não é a realidade das escolas. Muitos professores têm de aprender sozinhos, na prática, como lidar com o material, como utilizá-lo em suas aulas, correndo o risco de o LD ser rejeitado pelos alunos. A formação acadêmica, geralmente, não dá conta de tantas demandas: ensinar a língua, as metodologias, as leis envolvendo educação, entre outras. O professor acaba aprendendo muito na prática de sala de aula, no dia-a-dia da escola. É assim também com o LD. Por isso, é importante que nas instituições de ensino haja um tempo para preparação de aulas em conjunto, não só entre os professores de línguas, mas também com professores de outras áreas, para entenderem melhor os livros e adaptá-los conforme seus contextos.

Segundo Diaz (2011, p. 619), o professor “é quem vai determinar o melhor uso deste recurso e, assim, os níveis de flexibilidade/dependência do livro didático”. Ou seja, o professor possui, ou deveria possuir, autonomia para tomar decisões sobre a maneira como este recurso é efetivamente usado em sala de aula. De acordo com Diaz (2011), a bibliografia referente ao uso deste recurso é escassa e sugere que:

... a falta de programas de formação voltados para o uso de livros didáticos está ligada ao potencial pedagógico intrínseco atribuído a este recurso, partindo do pressuposto de que uma organização adequada do conteúdo e a presença de várias estratégias seriam suficientes para fazer deste um instrumento útil na aprendizagem dos estudantes (DIAZ, 2011, p. 617).

Considerando-se que o LD é um dos materiais mais comuns e de mais fácil acesso aos professores, seria importante que os professores estivessem preparados para usar este recurso de forma crítica, tendo condições de avaliar o que poderia ser adaptado a cada situação de ensino. No entanto, para isso, os professores precisariam de programas de formação, como sugere Diaz (2011). Os próprios LDs e os manuais dos professores acabam por delimitar como o livro deve ser utilizado, fazendo com que o professor, muitas vezes, não utilize sua capacidade de criação e sua criticidade em relação ao que é proposto pelo material.

Avaliação e escolha do livro didático

Para que o LD seja um recurso eficaz no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, dois fatores exercem um importante papel: a avaliação e a escolha do material. Avaliar um LD é um processo fundamental para verificar o nível de adequação do material a cada contexto. Segundo Vilaça (2010):

É necessário reconhecer, no entanto, que a adequação é sempre parcial, uma vez que a quantidade de fatores envolvidos impossibilita que um material se ‘encaixe como uma luva’ no contexto específico de ensino. Em outras palavras, o *nível de adequabilidade* expressa a menor ou maior probabilidade do material estar de acordo com os objetivos de ensino, com as características e as necessidades da situação-alvo (VILAÇA, 2010. p. 68).

Pesquisar um LD que proporcione materiais autênticos e materiais extras (CD-ROM, recursos de Internet para professores e alunos, vídeos), que esteja relacionado com o contexto dos alunos, que desperte a curiosidade, que apresente um manual do professor completo, com sugestões de atividades fora do livro e atividades de consolidação, pode fazer a diferença para todos envolvidos no processo de aprendizagem de uma língua. Para que haja sucesso na escolha do LD mais adequado ao contexto, é importante que critérios sejam previamente estabelecidos. Os critérios de avaliação e escolha dos LDs facilitam esse trabalho delicado e de grande responsabilidade.

Cunningsworth (1995) expõe dois tipos de avaliação geralmente feita por professores ou responsáveis pela escolha do LD: a impressão geral e a avaliação em profundidade. A primeira proporciona uma visão introdutória geral do LD, possibilitando que o professor tenha uma ideia das possibilidades do material e alguns pontos fortes e fracos. Essa visão geral pode omitir detalhes importantes, como a relação entre os tópicos abordados e o contexto onde o livro será utilizado. A segunda visão permite que o avaliador analise os detalhes dos conteúdos, o contexto, e tenha uma ideia mais real dos pontos fortes e fracos do material. Ramos (2009, p. 184) traz uma proposta de avaliação de LD através de onze itens. São eles: 1) o público-alvo, ou seja, a quem se dirige; 2) os objetivos das unidades; 3) os recursos; 4) a visão de ensino/aprendizagem e a de linguagem; 5) o *syllabus*; 6) a progressão dos conteúdos; 7) os textos (se são autênticos, diversificados, adequados); 8) as atividades; 9) o material suplementar; 10) a flexibilidade da unidade; e 11) o manual do professor (se possui propostas de atividades, justificativas para o material, procedimentos). Os itens propostos e desenvolvidos por Ramos podem ser úteis para quem necessita estabelecer critérios para escolher o material mais adequado. No entanto, é importante que, para cada contexto, sejam

estabelecidos critérios específicos próprios, de acordo com os objetivos e a abordagem de cada escola.

Visto que as coleções aprovadas pelo PNLD já passaram por avaliadores capacitados e critérios rigorosos de seleção, garantindo, assim, a professores e alunos LDs de qualidade, é do professor, juntamente com a coordenação pedagógica/direção da escola, o papel de conhecer o material e escolher, dentre essas coleções, aquela que julga a mais adequada ao seu contexto. As avaliações e as resenhas dos LDs aprovados, que estão disponíveis no Guia de Livros Didáticos, se configuram como grandes aliadas e facilitam esse processo.

Conforme mencionado anteriormente, iniciar a avaliação de um LD estabelecendo critérios é fundamental para o sucesso na escolha do material e facilita o trabalho dos responsáveis por essa tarefa. No entanto, esse processo não deveria ser considerado finalizado no momento em que o livro é escolhido. Vilaça (2010) afirma que três etapas envolvem a avaliação e escolha do LD: pré-uso, em que se consideram as necessidades do público-alvo; em uso, em que se avalia o uso na prática pelo professor e a recepção dos alunos; e o pós-uso, em que se constata a eficácia, a adaptação e a opinião de professores e alunos. Portanto, a avaliação do LD não termina quando o livro, julgado mais adequado ao contexto, foi escolhido; a avaliação deve ser constante. Em relação ao pós-uso, Masuhara (1998) sugere que o professor mantenha um registro das adaptações feitas ao material, o que pode auxiliar, futuramente, outros professores na análise e reflexão acerca do LD.

Considerações finais

É difícil saber se, no futuro, os LDs impressos serão substituídos por mídias virtuais, mais modernas. O fato é que, na realidade das escolas brasileiras, especialmente as públicas, ainda há muito espaço para este recurso. Antes de pensar em não utilizá-lo, ou em substituí-lo, podemos pensar que ele também evoluiu, trazendo consigo novas metodologias, novas ferramentas que podem auxiliar no sucesso que queremos que nossas aulas e nossos alunos tenham. Os alunos de hoje exigem mais da escola e de tudo o que ela pode proporcionar, e os LDs têm de acompanhar essas novas exigências. Muito depende do trabalho desenvolvido em sala de aula para que a crença de que não se aprende uma língua estrangeira na escola não seja a realidade. Neste sentido, o uso consciente e crítico do LD pode ser um dos caminhos para que a aprendizagem do idioma realmente aconteça e faça sentido na vida dos alunos. Saber avaliar e escolher LDs é o passo inicial deste processo, pois escolher o LD mais adequado vai facilitar o uso do material e as adaptações a serem realizadas nele.

O PNLD é um elemento importante na valorização do ensino de línguas estrangeiras na escola, pois democratiza LDs de qualidade, trazendo-os para o alcance de todos. No entanto, por melhor que seja o material adotado na escola, o sucesso deste recurso sempre vai depender do uso que o professor faz dele, de como o adapta ao seu contexto. Por isso, assim como desenvolver programas que facilitem o acesso de LDs na escola, é fundamental refletir criticamente sobre o processo de formação dos professores, visto que o papel deste é fundamental para uma educação de qualidade.

Referências

BRASIL. MEC. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de coleções didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais>. Data de acesso: 18/07/2016.

BRASIL. MEC. *Guia de livros didáticos: língua estrangeira moderna: ensino fundamental: anos finais - PNLD 2014*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/4661-guia-pnld-2014>. Data de acesso: 18/07/2016.

CORACINI, Maria José. O livro didático nos discursos da linguística aplicada e da sala de aula. In: CORACINI, Maria José (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes, 2011.

CUNNINGSWORTH, A. *Choosing your coursebook*. Oxford: Heineman, 1995.

DIAZ, Omar R.T. A atualidade do livro didático como recurso curricular. In *Linhas Críticas*, Brasília, v. 17, n. 34, set./dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/6248/5121>. Data de acesso: 17/07/2016.

GIMENEZ, Telma. Prefácio. In: DIAS, Reinildes. (Org.); CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MASUHARA, Hitomi. What do teachers really want from coursebooks? In: TOMLINSON, Brian. *Materials Development in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 239-260.

NUNAN, D. Designing and adapting materials to encourage learner autonomy. In: BENSON, P. e VOLLER, P. (Eds.). *Autonomy and independence in language learning*. Harlow: Pearson, 1997.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura; FURTOSO, Viviane Bagio. Buscando critérios para avaliação de livros didáticos: uma experiência no contexto de formação de professores de português para estrangeiros. In: DIAS, Reinildes. (Org.); CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

RAMOS, Rosinda de Castro Guerra. O livro didático de língua inglesa para o ensino fundamental e médio: papéis, avaliação e potencialidades. In: DIAS, Reinildes. (Org.); CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

RICHARDS, Jack C. The role of textbooks in a language program. In *New Routes* – April, 2002. São Paulo: Disal. Disponível em: http://www.disal.com.br/html/NROUTES/nr17/pgnr17_10.htm. Data de acesso: 17/07/2016.

SCHLATTER, Margarete; GRACEZ, Pedro. Referencial Curricular de Língua Espanhola e Língua Inglesa. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. (Org.). *Referencias Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Língua Estrangeira Moderna*. 1 ed. Porto Alegre: SE/DP, 2009, v. 1, p. 125-257. Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_voll.pdf. Data de acesso: 18/07/2016.

SILVA, Adriane; RODRIGUES, Daniela & NETO, José. O livro didático de língua inglesa: abordagens teóricas sobre as crenças de aprendizes. In: *REVELLI*, Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, vol. 2, n. 2, out. 2010. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/viewFile/2854/1812>. Data de acesso: 10/07/2016.

TILIO, Rogério. Língua Estrangeira Moderna na Escola Pública: possibilidades e desafios. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 925- 944, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v39n3/v39n3a16.pdf>. Data de acesso: 23/10/2016.

VILAÇA, Marcio Luiz Corrêa. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da UNIGRANRIO*. Rio de Janeiro, v. VIII, n. 30, jul./set. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/653/538>. Data de acesso: 05/07/2016.

VILAÇA, Marcio Luiz Corrêa. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspecto de análise, avaliação e adaptação. In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da UNIGRANRIO*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 32, jan./ma. 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/1058/609>. Data de acesso: 17/07/2016

Artigo recebido em: 27/08/2016.

Artigo aceito em: 25/11/2016.

Artigo publicado em: 23/12/2016.